

Comunicação Introdutória

Coordenadores. José Serras Gago *

Fausto Amaro **

* ISCTE ** ISCSP

1.

O título deste painel temático combina duas noções cuja conjunção pode ser abordada ela própria de duas maneiras distintas: ma, procurando acentuar continuidades, toma por adquirido, ao menos implicitamente, que as duas expressões coexistem sem "atrito", podendo até, no limite, ser consideradas como "quase-sinónimos"; outra, colocando a ênfase nas descontinuidades, insistirá na análise da origem das suas diferentes componentes---históricas, políticas e teórico-disciplinares---e dos seus trajectos. A articulação das componentes estará, pois, nesta abordagem, sempre sujeita a problematização.

Não cabe aqui proceder ao exame aprofundado destas duas abordagens possíveis: uma, sintética, agregadora de sentidos; outra, analítica, decompositora dos diferentes elementos constitutivos do todo. No entanto, de forma introdutória, assumindo um estilo deliberadamente lacónico, como convêm a quem não procura propor e demonstrar uma tese, mas antes tem como objectivo sublinhar pontos críticos de argumentação de modo a suscitar um debate sobre textos apresentados por outrem, sempre haverá que alertar para diferentes traços de enquadramento que as expressões indiciam.

Assim, a "opinião pública" pressupõe, desde as suas primeiras formulações, a existência de uma sociedade civil autónoma e, portanto,"separada" das instituições políticas, nomeadamente do Estado. No principio do século XX a expressão insere-se num movimento de resposta conceptual aos temores suscitados no "establishment" europeu e norte-americano pela conjunção da emergência do primeiro meio de "comunicação de massas",a rádio, e dos efeitos considerados nefastos do industrialismo, do êxodo rural e da correlativa urbanização acelerada, tematizada numa simples designação por "sociedade de massas".O "atraso" verificado, então, nas democracias liberais, na compreensão do funcionamento dos meios de comunicação "de massas",ou

seja, nessa época, a rádio, é contemporâneo do horror às utilizações propagandísticas e de mobilização de massas nos regimes nazi alemão e fascista italiano e, mais precocemente ainda, na coordenação militar de frentes de batalha separadas por centenas e, mesmo milhares de quilómetros, na guerra civil russa, o que na época constituía uma novidade aterradora. O que se lhe seguiu no interior destes regimes não foi de molde a confortar uma visão pedagógico--democrática da “comunicação de massas”.

A partir daquelas “lições”, a necessidade de educar o “receptor passivo” e “alienado” da primeira teoria da “sociedade de massas”, desenraizado das suas comunidades de origem pela já referida interacção entre industrialismo e urbanização--proletarização, dirão alguns—conduzirá à criação de uma “opinião pública” para um “comportamento responsável” face às instituições democráticas, reactivando mesmo conceitos de comunidade que já tinham vivido uma existência “arcaica”, agora reactualizada. Daí decorre, para ouvidos atentos, a reverberação “liberal” que a expressão projecta. A posterior miscigenação do conceito de “opinião pública”, o qual passa ele próprio da esfera da reflexiva imprensa escrita(a posteriori, considerada elitista) para a esfera dos meios “de massas”, com plena difusão depois da II Guerra Mundial contribuiu para obnubilar o sentido original de uma opinião que se desejava pública, esclarecida, mas não se queria, tinha aversão, a considerar-se “de massas”.

Por outro lado, a noção de audiência participa, para além de outras utilizações, do movimento de progressiva valorização comercial da” comunicação de massas”, nomeadamente através do desenvolvimento de tecnologias de detecção e monitorização e, ainda, do aprofundamento de metodologias que vão desde aplicações estatísticas ao incremento de análises qualitativas. Deste modo, a noção de “audiência” tanto pode ser utilizada no sentido de conjunto de pessoas que “escutam” e/ou “vêm”, que, inclusivamente, tomam decisões como retroacção, porque “recebem em conjunto”(pateada num teatro), como no sentido de “alvo” relativamente passivo, atingível(“impactável”)susceptível de ser objecto de operações de condicionamento, de fragmentação e atomização, em suma, de aleatorização. Estas novas tecnologias de gestão das articulações do conhecido duo “emissão/recepção” devem ser dissecadas no

âmago mesmo das operações a que procedem. A sua aparência meramente técnica não deve dissuadir o exercício da sua compreensão sociológica.

2.

A apresentação, nesta sessão, de uma comunicação sobre a rádio comunitária no Brasil, leva-nos a fazer algumas considerações sobre as rádios locais, referindo alguns números relativos a Portugal.

Segundo a Associação Portuguesa de Radiodifusão, no ano de 2004, existiam em Portugal 379 emissoras de rádio a transmitir para território nacional, a maior parte das quais (353) classificadas como rádios locais (Obercom, 2005).

Estas rádios são constituídas por pequenas e médias empresas e representaram em 2004, no seu conjunto, cerca de 100.000 horas de emissão, ocupando os programas de informação e educação cerca de 13% e a música portuguesa cerca de 55% (Obercom, 2005).

Devido às características deste tipo de meios, as audiências inscrevem-se no respectivo concelho onde seria importante estudar o papel destas rádios na formação da opinião pública e avaliar o seu potencial educativo para a cidadania e para outras áreas como é o caso específico da cultura musical.

Apesar do impacto da televisão e das novas tecnologias de comunicação, a rádio continua a desempenhar um papel de grande importância no quotidiano das comunidades, através da sua capacidade para criar uma textura sonora onde se desenrolam os acontecimentos da vida diária (Tacchi, 2002).

A rádio, muitas vezes percebida de forma distraída, fornece pontos de referência temporal e espacial que ajudam a desenvolver o sentido de comunidade e de identidade. Esta forma de percepção é muitas vezes expressa em referências à rádio como companhia, ou como uma voz amiga que contribui para diminuir a solidão, ou simplesmente para criar o pano de fundo onde decorrem as diversas tarefas quotidianas. Todas estas dimensões podem ser analisadas no contexto as rádios nacionais ou internacionais, mas no caso das rádios locais a identificação com a comunidade e a

identificação com os problemas é mais nítida e contribui para o desenvolvimento da solidariedade e da interacção social.

Devido à interacção que pode proporcionar e que tem a sua expressão através da participação dos ouvintes no próprio programa, escolhendo temas musicais, dando opiniões, intervindo em debates ou participando em concursos, a rádio tem também um enorme potencial como meio educativo e que sempre despertou interesse entre os investigadores e os decisores públicos desde há várias décadas (Weelfel, 1938).

3.

As diversas comunicações admitidas neste painel temático são de natureza muito diversa como o próprio título permite, se não suscita mesmo. Para além de uma comunicação inicial, de cariz mais teórico, intitulada “OPINIÃO PÚBLICA E AUDIÊNCIA:O NOMADISMO DOS CONCEITOS”, a qual procura elucidar aspectos da construção, utilização e mutabilidade das componentes do referido binómio, temos uma comunicação,”ALFABETIZAR PARA OS MEDIA” que se insere numa perspectiva, diríamos, de humanismo cívico, e que visa armar os cidadãos face a emissores poderosos e supostamente detentores de uma “agenda” oculta. Sustenta que o “conhecimento do inventário das técnicas de desinformação”, difundido e assimilado pelo corpo social pode ajudar ao estabelecimento de uma sociedade menos opaca e desigual.

De seguida, temos uma comunicação com o título”DIETAS DE MEDIA EM PORTUGAL”,a qual descreve um estudo em curso, no quadro do CIES/ ISCTE, sobre o “impacto da INTERNET nos MASS MEDIA em PORTUGAL”.Procura-se determinar perfis de práticas mediáticas segundo variáveis sócio-demográficas de vária índole. A combinação de várias estratégias de pesquisa constitui um ponto interessante de debate metodológico para além dos aspectos substantivos, propriamente ditos. O debate

permitirá clarificar aspectos que permanecem, ainda, em estado embrionário como é próprio de uma pesquisa que, nesta data, ainda decorre.

Segue-se a comunicação ”AS COMUNIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA, UMA AUDIÊNCIA GLOBAL: A ESTRATÈGIA DA APCNP (ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO CULTURAL DO NORTE DE PORTUGAL)” que descreve as virtualidades pouco exploradas da língua portuguesa “espalhada pelo Mundo”, a partir do conhecimento gerado pela actividade, sobretudo na América Latina, desta organização da sociedade civil, sediada no Porto.

Finalmente, duas comunicações tratam da temática da imprensa e da rádio locais.

A primeira, “A IMPRENSA LOCAL E AS SUAS AUDIÊNCIAS” apresenta um estudo de caso do semanário “O Montemorense”, concelho de Montemor-o-Novo. O autor faz a história do jornal, fundado em 1932 e procura caracterizar a audiência do jornal através da análise dos seus 2.500 assinantes.

A segunda comunicação sobre os media locais intitulada “xxxx” aborda a potencialidade educativa das rádios comunitárias em Belo Horizonte, Brasil e analisa a tendência para o crescimento das rádios comunitárias naquele país.

Bibliografia

Obercom, *Anuário Comunicação 2003-2004*, Lisboa, Obercom, 2005.

Tacchi, Jo, Radio Texture: Between self and others. In: **Askew**, Kelly e **Wilk**, Richard R, *The Anthropology of Media*, Oxford, Blackwell, 2002.

Weelfel, Norman, Institute for Education by Radio. *The Public Opinion Quarterly*. Vol. 2 (3), 1938 pp 485-486.